

Criação

# Memória d lembranças p

## CRIAÇÃO memória

Autora de *Memória e sociedade* (Companhia das Letras, 2002), Ecléa Bosi relata alguns dados inéditos da vida paulistana colhidos na pesquisa e alerta os urbanistas da necessidade de se ouvir os moradores, de estarmos “abertos à sua memória, que é a memória de cada rua, de cada bairro”. “Recuperar a dimensão humana do espaço é um problema político dos mais urgentes”, diz.

Este artigo é um capítulo do novo livro da autora *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social* (Ateliê, 2003).

Foto Cortesia da Autora



A Ladeira da Memória.

# a da cidade: as paulistanas

*ECLÉA BOSI*



**H**Á ALGUNS ANOS recolhi a memória do tempo, do espaço, a política e a do trabalho de velhos moradores de São Paulo<sup>1</sup>. Conversei longo tempo com eles e, enquanto ouvia suas narrativas, ia aprendendo alguma coisa sobre a situação da velhice na sociedade industrial – tema dos mais dignos a serem estudados por militantes políticos e culturais.

A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere.

Vou relatar brevemente alguns dados obtidos na pesquisa. Se alguém colhe um grande ramaletete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta.

## A memória como intermediário cultural

O que me contaram os velhos sobre sua cidade? Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarra-

ção de sua história. O caudal de lembranças, correndo sobre o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos muitas vezes de nossos avós. A passagem do cometa Halley com sua cauda luminosa varrendo o céu paulistano, os mata-mosquitos de Oswaldo Cruz nos bairros varzeanos, a gripe espanhola, as peripécias de Meneghetti, ladrão simpático que roubava dos ricos para dar aos pobres... O vôo do Zeppelin sobre o Viaduto... O Dia da Vitória, o IV Centenário de São Paulo, as festas de São Vito e Nossa Senhora da Aqueropita, os corsos do carnaval na avenida Paulista, os bailes do 1º de Maio no Parque Antártica...

Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das *testemunhas* se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? Fica-nos a história oficial: em vez da envolvente trama tecida à nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco *testemunho* do passado<sup>2</sup>.

A lembrança paulistana elegeu momentos que nos tocaram de perto, escolho alguns que mereceram repetidas evocações: o anarquismo do início do século XX, a revolução de Isidoro, a Coluna Prestes em 1932, as duas grandes guerras, Getúlio Vargas e o trabalhismo, Ademar x Jânio, os famosos entreveros de comunistas e integralistas. Estava-se construindo a Catedral e suas pedras eram usadas nessas brigas de rua (parece que um dos esportes mais apreciados pelos paulistanos do centro eram essas trocas de pedras).

Entrevistei uma professora comunista que subia nos andaimes para apedrejar. E um integralista que era um de seus alvos, entre a rua Direita e a praça da Sé. São pontos de vista diversos, oposições constituintes da História... As testemunhas do fato histórico são de uma riqueza insubstituível; ouçamos aquelas da repressão dos anos de 1960.

Um jovem que nesse tempo era uma criança lembra momentos de confusão e de apuros em sua casa para esconder um militante procurado pela polícia. Ele se lembra de móveis arrastados, camas improvisadas, cochichos noturnos e, por emio de tais fatos domésticos, está nos revelando que centenas de famílias esconderam revolucionários, simpatizando ou não com suas idéias.

As lembranças se apóiam nas pedras da cidade. Se o espaço, para Merleau-Ponty, é capaz de exprimir a condição do ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva. Em primeiro lugar, a casa materna; tal como aparece nas biografias, é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em todas as direções. Dela partem as ruas, as calçadas onde se desenrolou nossa vida, o bairro. Sons que voltam, sons que não voltam mais, pregões, cantilenas que recolhi e procurei gravar em pauta musical.



Hildegard Rosenthal, *Praça da Sé I*, 1939, fotografia pb s/papel 43,8 x 63,5 cm.



Hildegard Rosenthal, *Jornaleiro*, 1939, fotografia pb s/papel 44,3 x 62,1 cm.

A vida de uma rua densamente povoada é inesgotavelmente rica, se registrarmos os seus sons e movimentos. Podemos gravar a trilha sonora de uma rua durante 24 horas. Desde a primeira janela que se abre de manhã, a vassoura na calçada, as portas das lojas que se erguem, os passos de quem vai para o trabalho, conversa, cantigas...

Sob essa diversidade há uma ordem e um ritmo cuja seqüência é portadora de um sentimento de identificação. A seqüência de movimentos na calçada segue ritmos que se aceleram e se abrandam em horas certas e vão se extinguindo devagar, quando as janelas se iluminam e as ruas se esvaziam. Depois, as janelas vão-se apagando e fechando, menos alguma que resiste ainda, da qual escapa um som que finalmente silencia.

Por que definir a cidade somente em termos visuais? Ela possui um mapa sonoro compartilhado e vital para seus habitantes que, decodificando sons familiares, alcançam equilíbrio e segurança.

\* \* \*

São pontos de atração da velha São Paulo: a Penha (onde os pais levavam as crianças batizadas e os noivos peregrinavam após o casamento), o Viaduto do Chá, a Catedral, o Museu do Ipiranga, o Jardim da Luz, a Cantareira e, naturalmente, o Teatro Municipal, para a *buona gente* tão apaixonada pela ópera. Um dos velhos que entrevistei dizia: “Desci então os 84 degraus do Teatro Municipal”, número que ele ainda sabia de cor, na familiaridade revivida.

E a chácara do Marengo, o Anhangabaú – vale do povo, o prédio Martinelli com suas lendas e fantasmas. Sem falar nas várzeas tão importantes na história paulistana... a da Barra Funda, do Limão, da Casa Verde, do Glicério: eram mais de mil campos de futebol. Só depois que as várzeas foram ocupadas pela indústria é que começamos a assistir ao futebol de estádio.

A memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações. Vejamos um exemplo. Onde está registrado num documento “João de Souza, natural de São Roque, carpinteiro”, pode-se obter ouvindo qualquer passante na sua região:

“João, neto de Pedro, o melhor carpinteiro daqui, que fez as traves da Matriz *que ainda estão lá*, filho do Neco que herdou a oficina do pai. Neco formou a primeira Banda de São Roque, casou-se com Josefa que cantava na igreja, filha do seo Dórico, que trouxe a uva para cá. Pedro era casado com Luiza, mineira, cujo irmão e o seo Dórico foram vinhateiros.”

O relato oral enlaçou a floresta que cobria a região com a madeira da igreja, a música com o plantio da uva e o vinho. Vinho que foi tomado naquelas celebrações e festas de alianças.



Alice Brill, *Avenida São João*, 1954, fotografia pb s/papel 24 x 18,1 cm.

## Caminhos familiares

Escutando muitos depoimentos, nós percebemos que os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. O bairro tem sua infância, juventude, velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu. Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. As casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas... uma casa pintada de azul que irradia a luz da manhã, os terrenos baldios, as ruas sem saída que terminam em praças ermas inacabadas por dezenas de anos.

A fisionomia amadurece, as arestas se arredondam, as retas se abrandam e o bairro acompanha o ritmo da respiração e da vida dos seus moradores. Suas histórias se misturam e nós começamos a enxergar nas ruas o que nunca víamos, mas nos contaram. Quando a fisionomia do bairro se humaniza pode continuar se transformando e vivendo ou pode ser golpeada de morte.

As histórias de vida muitas vezes decorrem em sobrados da pequena classe média, que não merecem tombamento, porque lá não morou barão algum, mas foram adquiridos com prestações custosas, privações sem fim, que resultaram nessas casas adoráveis que conhecemos: a máquina de costura a um canto da sala, a TV redimida por uma toalha de crochê, os gerânios... Salas onde a gente ficaria um século escutando, onde as meias-paredes filtram conversas, exercícios de piano, a água correndo, a canção dominical (se faz sol).

E os caminhos familiares, percorridos por dona Ema, dona Ana, dona Lola, da porta para o portão, do portão para a quitanda, para a feira, para a igreja. Caminhos tão estudados pelos biólogos, porque não são privilégio humano, mas de todo ser vivo. Existem correspondências corticais entre o espaço percorrido habitualmente e o sistema nervoso central, que conferem significados aos marcos de orientação do espaço<sup>3</sup>. Mas a percepção biológica do espaço e do tempo seria objeto de um curso inteiro, não desta breve exposição.

O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade. É um *lugar nosso*, e um lugar nosso deve ter, como ensina a psicologia da *Gestalt*, fechamento e proximidade de elementos, deve ser mais denso que seu entorno e permitir a dialética da partida e do retorno. Permitir também peregrinações que são percursos sagrados a lugares mais densos de significação na cidade e, às vezes, o sentimento de estar perdido num mundo vazio, monótono, violento. E o reencontro do caminho familiar, se ele ainda existe.





Alice Brill, *São Paulo*, 1954, fotografia pb s/papel 16,4 x 20 cm.



Alice Brill, *Ibirapuera/Domingo*, 1954, fotografia pb s/papel 18,2 x 24 cm.

A cidade, como a história de vida, é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destino, trajetória da alma. Talvez evocando a perda fisionomia de um bairro, Baudelaire se lamentava: “A forma de uma cidade muda mais depressa, ai de nós, que o coração de um mortal”.

Quando a fisionomia do bairro adquire, graças ao trabalho ingente dos moradores, um contorno humano, ele se valoriza. Vêm as imobiliárias e compram uma casa, depois outra, o quarteirão. Os vizinhos se reúnem, querem resistir: os edifícios altos esmagam sua moradia, roubam-lhes o sol, a luz, o horizonte. As quadras são arrasadas, os velhos acuados. Para onde vão?

Para dona Ana a ruptura é sem retorno: como viver longe dos vizinhos, que viu nascer, longe do Bazar 13 e do Mercado, longe da sepultura do filho no Cemitério São Paulo, onde ela vai diariamente a pé?

Pouco tempo sobreviverá às mudanças, suas raízes se partiram. Mudança e morte se equivalem para o idoso. Será possível que uma empresa imobiliária possa reger destinos, dispersar e desenraizar centenas de pessoas?

O paulistano tornou-se um migrante urbano, empurrado pela especulação imobiliária de um lugar para outro. De 140 pessoas que entrevistei sobre seus deslocamentos urbanos apenas três permaneciam na casa de sua infância<sup>4</sup>.

Os urbanistas devem escutar os moradores, estar abertos à sua memória, que é a memória de cada rua e de cada bairro. Recuperar a dimensão humana do espaço é um problema político dos mais urgentes. A sobrevida de um grupo liga-se estreitamente à morfologia da cidade; esta ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento.

Há nos habitantes do bairro o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ser que anima a vida das ruas e das praças, dos mercados e das esquinas. A paisagem do bairro tem uma história conquistada numa longa adaptação.

Faz parte da dialética do espírito moderno essa tensão diária entre a transformação e a resistência. Mas ser moderno para Berman<sup>5</sup> é não perder os vínculos com o passado para não sermos eliminados num sorvedouro.

Nossos recordadores concordariam com Jane Jacobs: “Sob a aparente desordem da velha cidade encontra-se uma ordem maravilhosa que mantém a segurança das ruas e a liberdade. É uma ordem complexa”<sup>6</sup>.

A *Ilíada* inteira, para Simone Weil, foi escrita à sombra maior que possa existir para os homens, a desorganização de uma cidade. Fugindo dos gregos, Heitor divisa nas portas de Tróia a fonte com as bacias de pedra, onde as jovens lavavam suas roupas nos dias de paz, e lamenta com amargura a perda desses bens, portadora do caos.



Hildegard Rosenthal, *Rua Direita*, 1939, fotografia pb s/papel 62,5 x 43,5 cm.

Todos os povos procuram através da cultura exorcizar o fim do mundo, que é o desastre de todo o projeto, a dispersão, a agonia da cidade, a ruptura da vida cotidiana que nos é tão cara. O silêncio no meio da narrativa expressa, muitas vezes, o fim de um mundo. Por todos esses motivos é que nós desejamos participar com os velhos memorialistas de uma esperança comum.

## Notas

- 1 *Memória e sociedade*. 10ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- 2 A dificuldade de locomoção no meio urbano afeta particularmente os idosos, causando a dispersão das testemunhas, grave perda para a memória coletiva.
- 3 J. von. Uexküll. *Mondes animaux et monde humain*. Paris, Gonthier, 1956.
- 4 Está sendo discutido o Plano Diretor de São Paulo. Li com atenção a Lei Orgânica do Município, na qual encontrei vários artigos sobre representação popular: a lei fala em conselhos de representantes, plebiscitos e audiências públicas para discutir os Rimas (Relatórios de Impacto sobre o Meio Ambiente); também fala em “impacto de vizinhança”, cujo relatório é fornecido gratuitamente aos moradores que o solicitem. Mas, a meu ver, nada fica bem definido nesses artigos; a lei parece aberta, como se estivesse à espera de uma resposta da sociedade civil. Terão os vizinhos, por meio dos conselhos de bairro, direito de veto sobre uma indústria poluidora, barulhenta, sobre a verticalização de um bairro? Direito de veto efetivo? E se o Plano Diretor apontar para algum processo de desfiguração e desenraizamento? Como será possível, numa prefeitura democrática, atuar com o Plano Diretor? Proponho que se estudem a Lei Orgânica do Município e o Plano Diretor nas escolas, bibliotecas, nas Casas de Cultura, nos centros políticos e religiosos dos bairros.
- 5 M. Berman, *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. Companhia das Letras, São Paulo, 1987. Um bairro pode ser destruído por uma via expressa: as ruas de moradia podem ser consideradas um empecilho ao fluxo do trânsito. E a cidade sofre uma intervenção cirúrgica; é retalhada com gritos de dor.
- 6 J. Jacobs. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

*Ecléa Bosi* é professora do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) e autora de *Memória e sociedade* (Companhia das Letras, 2002) e *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social* (Ateliê, 2003).



- *Respeitável público!* Piolim e Pinotti.



Aquelas ruas quietas...



A Escola Normal Caetano de Campos e o Edifício Jardim da Infância.



O Theatro Municipal e o Viaduto do Chá.



Paulistanos fugindo durante a Revolução de 24.